



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

27 DE ABRIL DE 1963
ANO XX — N.º 499 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA. ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



AGORA

O poder terapêutico da Família!

Eu penso nele e aprecio-o cada vez mais, quando me entretenho na «Creche» onde os mais pequeninos habitantes deste lugar de Esperança passam o seu dia.

Muitos se lembram da Maria Alice. De como ela «hibernou» durante cinco anos, tendo aqui chegado aos seis com o desenvolvimento de uma criança de meses. Isto foi ainda não há dois anos!

Quem na quer ver agora?... Gorda, forte, comunicativa... Se não fora a fome curtida desde o ventre da mãe, que lhe não permitiu a formação dos olhos, ela seria hoje uma criança totalmente normal. Assim..., é apenas cega, mas com sinais de desenvolvimento intelectual que lhe possibilitará tudo que está ao alcance dos invisuais. P.e Baptista já aqui disse da sua decisão de a mandar para um estabelecimento especializado, onde ela comece a sua aprendizagem escolar, agora que atingiu a idade própria. Ela repete tudo quanto se lhe diz; mete as suas graças muito a propósito; é a mestra e guardiã dos seus companheiros de «Creche»; conversa; canta — é uma camarada!

Qual o remédio que operou uma tal recuperação? A Família — uma família constituída por trôpegos, cansados, trémulos, semi-paralizados, a quem Deus deu a graça de uma utilidade transcendente, eles que eram tidos e continuariam a ser tidos como pesos-mortos em qualquer outro lugar onde não imperasse o respeito pela pessoa humana que é o princípio fundamental de toda a Obra do Pai Américo: «Obra de doentes, para doentes, pelos doentes».

Foram eles. Foram aquelas velhinhas que ensinaram a Maria Alice a comer no quente do seu regaço; que lhe foram desenferujando a língua ao descobrirem as suas pos-

sibilidades; que a seguraram na experiência dos primeiros passos — foram elas, com o calor do seu carinho a dar vida às calorias do nosso caldo; foram elas que, pela graça de Deus, ressuscitaram a Maria Alice do estado de vida latente em que ela aqui chegou. A medicina com pouco mais contribuiu do que com vitaminas ou qualquer tónico que compensasse a fome acumulada em cinco anos. O remédio autêntico foi o poder transcendente da Família, quando ela é, na verdade, a célula-mãe do amor.

Continua na pág. 3

Terão observado que quando as pessoas se conhecem e convivem muito de perto, quanto mais se dizem mais têm que dizer. Poderia parecer-nos que em certo momento a mensagem se havia de esgotar..., mas não: a capacidade de comunicação daqueles que comungam na mesma vida é extraordinariamente difícil de se lhe chegar ao fim. E quando a vida é Vida, como Esta se identifica com Jesus, — então podemos dizer que tal capacidade é infinita, não, é claro, por virtude dos que comungam, mas do Comungado.

Ora o que é esta coluna senão uma comunhão na vida do Próximo, por amor de Jesus? Uma participação em comum na Vida que Ele é? E para o grupo que hoje se apresenta — das Casas a prestações — esta comunhão é habitual, é frequente.

Por isso tanto gosto sinto neste convívio. E quanto melhor conheço estes correspondentes, desde a letra até bem dentro das suas almas, mais descubro o muito que eles dizem, um muito sempre renovado e promissor de constante renovação. Quantos que eu nunca vi, não sei quem são, às vezes nem de nome, mas sinto-os muito perto e estimo-os com afecto próprio do parentesco que nos une: somos Irmãos.

Passemos, pois, uma vez mais, como quem abraça um por um, a longa fila destes nossos Irmãos e vamos escutar e guardar a sua mensagem de amor, sempre antiga, sempre nova.

XXX

Nespereira — Guimarães com 350\$ para a Casa N. S.ª do Rosário.

O assinante 6790, apateceu numa série de vezes e fica na 131.ª prestação e «vamos prosseguir com a Graça de Deus, até não haver Pobres sem razoável abrigo».

Helena atingiu a 32.ª prestação para a Casa de S. Francisco. O do «Rosário de Casas» terminou com 1500\$ o 5.º mistério gozoso. E acrescenta... só tenho a lastimar ter sido forçado a deixar ainda para o próximo ano o atraso de 6000\$, destinados à valorização das casas de 12 para 18 contos.

Enquanto o Bom Deus o permitir continuarei esta «Oração» com que espero iniciar o próximo ano».

E principiou mesmo o 1.º mistério doloroso com 3000\$.

Salvé - Rainha, acrescentou 3000\$ + 1000\$ ao que já tinha juntado.

Aí está a «Mãe que crê em Deus» com três das suas pequeninas prestações e o seu grande desejo de «chegar ao fim de tão longa jornada... para que depressa a Casa Fé em Deus albergue aqueles a quem estará destinada».

O Alberto do «plano decenal» faltou uns tempos, mas surge nesta saída da «Procissão» com tanto quanto para se pôr em dia. Alto! Pare a «procissão»! Ajoe. Cont. na pág. 3

2 DE MAIO

Festa de Santo Atanásio, Bispo, Confessor, e Doutor. Aniversário da sagração do nosso Bispo e da minha ordenação sacerdotal.

Quanto eu amo este dia! Que sabor lhe encontro! Hoje, deixo-vos aqui, para «beberdes» comigo «água viva», um trecho da Epístola da Missa:

«Não nos prégamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo Nosso Senhor. Somos pois servos vossos por amor de Jesus Cristo; porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, Ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para que fizéssemos brilhar o conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a superioridade da virtude seja de Deus, e não de nós. Em tudo sofremos tribulação, mas não somos oprimidos; somos cercados de dificuldades, mas não desesperamos; somos perseguidos, mas não desamparados; somos abatidos, mas não perecemos; trazendo sempre em nosso corpo a mortificação de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste nos nossos corpos. Porque nós, que vivemos, somos continuamente entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal».

II Coríntios IV/5 - 11



Uma Carta

«Parecendo-me ser oportuno trocar o meu automóvel, duas hipóteses se me ofereceram:

Adquirir um carro da categoria do que tinha, ou deixar-me de vaidades automobilísticas e, contentando-me com um mais pequeno, dar ao Património dos Pobres uma parte da diferença que teria de desembolsar para ter um carro mais potente.

Optei pela 2.ª hipótese e assim tenho a satisfação de juntar o correspondente a duas casas, ficando completa, graças a Deus, a dezena do primeiro mistério do «Rosário de Casas» em cuja construção ando empenhado a bem dos POBRES.

Quando vou no carro que agora tenho e me lembro que a sua aquisição permitirá alojar, cristãmente, mais duas famílias POBRES, tenho a impressão de ir a conduzir um formidável «espada»!... Bendito seja DEUS!

Se assim fôr possível, o que espero saber pelo «Famoso», agradeço que a uma das casas seja dado o nome de Santa Filomena, em satisfação de promessa feita.

Agradecendo que recorde em suas orações um irmão pecador, que tem FÉ e confia em DEUS, beija-lhe as mãos humildemente um seu irmão em CRISTO Nosso Senhor».

Cantinho DOS RAPAZES

Calvário, Sexta-feira Santa — o Dia da Cruz.

No saco do meu guardanapo está escrito: «A maior cruz é ter medo da Cruz».

Pensei em vocês. Ocorreu-me o dito do povo: «... como o diabo foge da Cruz». Compreendi melhor o demoníaco de toda a fuga da Cruz.

Ter medo..., fugir... — são verbos de cobardia. Não sei de medroso que seja feliz. Não sei de quem fuja que não passe medo. Ter medo..., fugir... — oh verbos de desventura!

Pensei em vocês. Parei em alguns. Senti-lhes o fel. Sofri pela causa: Têm medo da Cruz...; fogem da Cruz... — e caem vencidos, amargurados, sob o peso da sua cobardia, que é jugo do demónio.

Foi há poucos dias. Ele encontrou-se com o seu problema. Tem vinte anos. Tem medo à vida. Fiz-lhe entender que a solução não podia ser a mais

imediate, a mais fácil. Era indigna de si e de nós. As lágrimas correram.

Tem medo à vida. Tem medo de si: Não aquele receio salutar que nos leva em procura de apoio firme, imutável, absoluto; mas o pavor de quem se encontra só e vazio no cerco que o demónio lhe teceu.

Julgou a vida fácil, como tantos de vós sofrem a tentação de julgar. Supôs que outros dons o valorizariam que não o dom de si mesmo, consumado em muitas, muitas renúncias a si mesmo. Fugiu à Cruz, fugiu a si próprio... — encontrou o nada da sua vaidade, a solidão do seu orgulho, o amargor do laço em que se deixou prender.

Só a Cruz é vitória. Só Ela é salvação. Não há salvação para a eternidade nem vitória no mundo que não seja pela Cruz. Quem A não entende e lhe chama loucura — é pagão. Quem se escandaliza — é fari.

seu. Quem A ama e A abraça — é cristão, é feliz, é vencedor do Mundo. Que o mundo sempre provará os seus vencedores em luta bravia, que exige a plena forma de cada lutador! Plena forma que cada um conquista em esforço sobre si mesmo, no pôr a render de toda a sua capacidade.

Esta luta é cruz. Este esforço é cruz. A vitória é de quem suporta galhardamente a cruz pela Cruz. Os que sucumbem sob a cruz são os vencidos pelo Mundo, que é servo do Demónio. Os que temem a cruz, os que lhe fogem, renderam-se sem combate. Cobardes, tristes, infelizes..., iludidos! Esperaram por um aliado que prometera adicionar-lhes o valor que eles nunca se empenharam em radicar em si mesmos, em provar por si mesmos... Na hora má, o aliado falhou: Ele é a mentira, o descaminho, a morte.

Pobres dos que se deixaram enganar, e prender! Infelizes, tristes, vencidos, fracos! Deles não rezará a História.

Sexta-feira Santa — o Dia da Cruz.

Pensei em vocês, meus rapazes. Olhei o saco do meu guardanapo. E rezei: Senhor, que eles não tenham medo da Cruz; que ponham em comunhão contigo a sua e a Tua.

ZÉ ADOLFO

É o nosso Zé Adolfo. Temos saudades dele. A sua boa disposição e o sorriso franco que sempre lhe conhecemos, fazem-nos falta. Por detrás daquele ar brincalhão, tão próprio dele, esconde-se uma personalidade bem vincada que se impôs a todos dentro das nossas portas. Está, neste momento, a prestar serviço militar numa das nossas Províncias do Ultramar. Mandou-nos notícias fresquinhas e elas aqui vão para todos vós:

Mais uma vez aqui me tem a enviar-lhe notícias a meu respeito, desejando, antes de mais nada, continuação de óptima saúde por esses lados, que eu, no momento em que escrevo esta, fico bem, graças a Deus.

Finalmente agora já me encontro em lugar fixo. Há muito tempo que andava vagueando, através dos mares e da Província de Moçambique, mas agora aqui me encontro, onde devo cumprir o tempo que me foi imposto.

Cheguei aqui no primeiro de Abril, mas não vim por en-

gano porque, se viesse, já me tinha ido embora. Estou a fazer parte do C. T. N.. Ora este pessoal está cá há 6 meses e tenho cá um palpite que este tempo já tenha decorrido para mim também. Caso contasse, lá para Outubro de 64, aí estaria de novo. Vamos a ver. Se não contar, paciência! Se contar, que bom! Já me encontro a fazer serviço na Secretaria do C. T. N., andando a aprender de novo a escrever à máquina, pois aprendi o HCESAR e aqui pregam-me com o AZERTY. Mas isto de pressa vai ao sítio. Aqui na Secretaria, há muito que fazer e não há mãos a medir. Não é como noutros lados, em que o parceiro passa o tempo a ver



passar o tempo. As horas assim até passam mais depressa, e às vezes chegamos ao fim a suar, apesar do trabalho não ser pesado.

Não custou grande coisa a habituar-me a esta nova União, pois que a malta que cá estava quando cheguei, me orientou da melhor maneira e me ajudou em tudo o que eu precisava. Existe também uma certa camaradagem entre a malta, pois noto que deixam roupas, calçado, etc., à mão de sementar, sem o mínimo receio — e ninguém lhe toca. Agrada-me isto, pois foi um dos grandes problemas que sempre existiram para mim, no que diz respeito à vida militar.

Anteontem, estando eu muito sossegado, sentado na Secretaria a ler um livro depois do jantar, ouço chamar-me, e eis que deparo com o Mário Tito. Não contava com tal surpresa, pois julgava que estava aqui isolado e afinal enganei-me. O Mário Tito, encontra-se aqui ao lado, na Artilharia, e não está pior que eu. Disse-me que tem recebido notícias daí, e quando deu fé que tinha chegado mais um Cabo Escriturário, veio logo na minha mira e não se enganou.

Estamos a escassos dias da Páscoa, festa principal da Igreja, e eu preciso de fazer as minhas contas, para fazer uma confissão bem feita. Espero que por aí tudo decorra da melhor maneira, para que esta festa seja como nos anos anteriores. Boas Festas são os meus votos e amêndoas com fartura.

Agradecia o favor de entregar a minha direcção que vai no remetente na Redacção do jornal, para que o «Gaiato» não me falte cá nenhuma vez, pois é daqui que lhe saberei dar o seu real valor. O Jornal de 16 passado, já o vi. Falta o do dia 30, e depois os outros que se seguirem. Quanto à minha direcção, não é preciso acrescentar mais nada, pois aquela que vai no remetente chega e sobra.

Por hoje parece-me que já disse o que tinha a dizer, e sendo assim vou dar esta carta por terminada.

Quando o Sr. Padre Carlos tiver uma vagazinha não se esqueça de me enviar notícias, que eu desde já agradeço do fundo do coração.

Um abraço para toda a malta e votos de boas festas. Um mais apertado para o Sr. P.e Manuel e um xi para o Sr. Padre Carlos do seu

José Adolfo da Silva Gomes

P.S. — Espero que me perdoe a sarrabiscada que esta car-

DO MINHO AO ALGARVE — Às vezes sentimos desejos de parar, supondo que a Campanha massacra. Um desejo humano e próprio da fraqueza humana. Mas a resposta vem logo na volta! São as cartas, os postais — os devotos da procissão. A gente não deve parar!

Abre a coluna uma nova leitora de Tojal (Batalha), que afirma:

«Como tive há pouco tempo alguns conhecimentos desta Obra, a Casa do Gaiato, por meio de alguns jornais que o acaso me trouxe às mãos sinto-me atraída para tão bela Obra. Desejo, pois, ser assinante do jornal».

O acaso não, minha senhora. Foi Deus quem lhe insuflou vontade.

Mas, aqui, Deus serve-se de um intermediário, como é hábito na procissão:

«Perdi as listas para assinaturas que há tempo me enviaram. Por essa razão venho dizer que um vale de correio que hoje aí deve ter chegado se destina a pagar a assinatura para o Cadete X da Academia Militar de Lisboa. É na esperança que chegue alguma coisa do famoso Jornal ao coração de tanto rapaz, que para lá o dirijo. Peço a Deus que seja uma realidade a frase «Os novos escolhem Deus». Uma Mãe de Tojal».

E a coluna prossegue o andamento. Passa Gaia, uma data de vezes. O Barreiro, idem. Mais Be. nespera. E Gondomar:

Campanha de Assinaturas

«Peço o favor para me enviar o Jornal para a direcção do remetente tal e qual porque eu era operário da Fábrica de Tabacos Portuense e era lá que eu comprava o Jornal».

A Fábrica encerrou. Mas este Operário — e outros colegas — jámais dispensará o Famoso que, nesta emergência, traz todos e cada um no coração.

Segue Bragança e Guimarães e Caria com mais um de Valhelhas e este desabafo:

«Gostaria de ter podido arranjar mais novos assinantes mas desta vez só consegui este que é bom e vale mais poucos e bons do que muitos e ruins».

Muito bem!

Agora é Porto d'Ave e Peniche várias vezes e Dafundo com desabafo semelhante ao de cima. Mais Benedita, Caldas da Rainha, Parede, Cernache do Bonjardim, Benfica e Vilar de Ferreiros pela mão do Pároco e com boas notícias:

«Desejando assinar o Jornal «O Gaiato» venho por este meio pedir o especial obséquio de ser inscrito na lista dos assinantes. Podendo ser, eu pedia mais, de-

sejava todos os números do ano em curso. Quanto à «Obra...» nesta freguesia a semente está lançada à terra e da minha parte há animação para cuidar da sua germinação e confiado na Divina Providência estou certo que um dia virá em que seus frutos serão factos».

Quem dera seja ouvido em todas as paróquias de norte a sul. Ó revolução!

Temos, ainda, gente fresca de Moscavide e Damaia com o pedido de desculpa «de não enviar o custo das assinaturas, mas isto anda mal de finanças». Que delicadeza!

No fim da coluna é Olhão a dizer bem do Algarve:

«Tenho pelo Gaiato uma grande admiração porque reconheço que é uma das melhores obras que Portugal tem e, por isso, de vez em quando, faço por angariar algumas assinaturas».

★
E não quero terminar sem esclarecer que este naco de presenças é a guarda avançada de uma enorme procissão — retida na Tipografia por falta de espaço no Famoso!

Contamos sair com ela prá rua no próximo número. Vamos a ver.

Júlio Mendes

Visado pela
Comissão de Censura

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

lhemos. E oremos com Maria Antonieta:

«Junto segue um vale de correio de mil escudos que eu gostaria que fosse a primeira pedra para uma casinha do Patri-mônio.

É uma loucura pensar em oferecer uma casa sendo eu uma viúva com três filhas a criar e educar e contando só com o meu trabalho e ajuda de Deus, que nunca me tem faltado. Sempre que posso dispôr de algumas migalhas tenho enviado para os queridos Gaiatos, mas agora que a migalhinha foi mais avultada graças a uma gratificação que recebi e com a qual não contava, pensei em enviar com este fim. Pode ser que Deus me ajude a satisfazer este grande desejo, pois já que eu não tenho casa minha, mas tenho uma casinha de renda antiga que posso pagar sem grande dificuldade aflige-me muito pensar em tantos Pobres que não têm uma casa onde se abrigarem. Se isso um dia chegar a ser realidade seria para mim uma grande felicidade, seria a maior herança que eu podia deixar a minhas filhas, pois é a pensar nelas e pedindo a Deus que aceite as minhas renúncias em benefício delas, que eu envio hoje esta primeira pedra.

Se Deus permitir que este meu desejo se realize gostaria que a casa fôsse a «Casa das três Marias».

Mas se não for da vontade de Deus que eu consiga levar ao

AGORA



fim tão grande empresa para as minhas tão fracas posses, tudo o que eu puder enviar será para ajudar outra pessoa que também não possa juntar para uma casa inteira».

(O sublinhado é nosso)

Levaremos de novo e prosigamos cantando as maravilhas de Deus no coração dos homens.

Adozinda e Mário, apresentaram-se com a 2.ª prestação de mil para a Sua Casa. Mais 20\$ e mais 400\$ para a Casa de S. António, do «sempre feliz casal de noivos». E 60\$ para a Casa Ao meu Senhor, pelo meu filho. «Por amor de Deus» 500\$00. O «Casal — Assinante» de Aveiro, com 100\$ da 49.ª prestação, e um salto dez vezes maior que os anteriores e mais a 60.ª prestação, em que está.

Alto! Ajoelhemos de novo.

«Querida perguntar-lhe qual é a quantia mínima para construir uma casita. — A minha Mãe faleceu o ano passado e deixou-me uma pequena quantia, produto das economias duma vida inteira, pois faleceu com 88 anos. Como graças a Deus tenho saúde e uns bons irmãos não preciso desse dinhei-

Cont. da 1.ª pág.

ro e gostava de o dar para esse fim e que a casa fosse construída perto de Lisboa para eu a poder ver. Se o que eu tenho não chegar, espero mais algum tempo e procurarei completar o que falta.

Dizia a minha Mãe que este dinheiro era para eu fazer uma viagem pois precisava de me distrair depois de tantos anos de sacrifício. Ainda não disse que a minha Mãe esteve parálitica perto de 40 anos e era eu a sua enfermeira e companheira. Senti muito a sua falta e em tudo tenho feito a sua vontade menos em gastar o dinheiro numa viagem. Sabendo como foi junto à custa de tantas renúncias e sacrifícios não tenho coragem de gastar em poucos dias o que foi junto em tantos anos, por isso lembrei-me de o empregar numa casita que pudesse servir para um casal de velhinhos pois que por eles, tenho muita ternura.

P. S. — É melhor dizer já a quantia que tenho: 9.000\$00. Na verdade seria a maneira de ver brilhar este pouco dinheiro. Uma casinha aonde se visse escrito «A casa da minha Mãe». Estou certa que Ela também aprovará a minha ideia».

Que seria do Mundo sem estas antenas da Misericórdia de Deus?!

Távira com 500\$ — primeira pedra de um grande desejo de construir uma casa. Não olhe para trás! Não tema! A casa será construída.

O «Pobre Pecador», que tantas vezes tem batido à porta do nosso Lar do Porto a abençoar-nos, passa agora com mais três mil para a Casa Jesus Crucificado e Jesus Ressuscitado.

Mais 100\$ para a Casa de Santa Terezinha do Menino Jesus pela salvação dos meus quatro filhos».

100\$ de um Angelo, «Renovando um compromisso».

De Lisboa, 6.ª prestação de 200\$. Um assinante de «O Gaiato» fica na 38.ª prestação e diz assim: «Numa altura em que muitos empregados e funcionários desejam e pedem um 13.º mês de pagamentos, envio também uma prestação suplementar de 100\$, correspondente ao 13.º mês de 1962».

Mil escudos = 10 prestações para a Casa Jesus consolai os que sofrem.

De Lisboa, a «Mãe dum assinante» veio com duas vezes 500\$00, «para a casita que sonhei poder pagar. Perfaz 2200\$».

Ele há por aí tanto sonhador... de nada! Que riqueza haver quem sonhe assim!

Mais 500\$, de Porto Alexandre, para o Lar da Graça.

Os 12.º mil de M. M. — A. L. para a sua Casa. Depois disso mais 2 X 1.000\$ «para o equipamento da 1.ª casa». Donde concluímos: que M. M. — A. L. querem levar ao fim o que principiaram; e estão dispostos a recomençar.

«Cruz» da Beira terminou a Casa Graças a Deus com as prestações de Novembro passado. Desde Dezembro que anda a juntar pedras para a Casa Graças à SS.ma Virgem e já vai (se não erro) em 2.800\$ (contas fechadas em 8/3/63). A Casa de Minha Mãe, a construir em Leça da Palmeira, fica na 45.ª pedra de mil. A do António e do Fernando chegou aos 9000\$.

Agora é Ponta Delgada, com 6000\$. «Espero, logo que me fôr possível, completar os 12 mil escudos, talvez dentro de um ano.

Ainda confinado ao viável, apreciaria vê-la rotulada de Divina Providência.

Resta-me pedir-vos silêncio absoluto acerca da minha identidade».

Maria Luisa, que há muito tempo não comparecia às saídas da «Procissão», voltou: «É com imensa alegria que lhe envio um vale de 1700\$».

Do Senhor Engenheiro da R. Maria Andrade, 200\$+100\$.

Três vezes Berta e Jorge deixaram no Espelho da Moda 1000\$00.

«Romeiro do Porto», escreve nas costas de uma gravura representando o Presépio. «Aproveito este programa para estabelecer outro: a abertura de conta para uma casa, já que, por enquanto, não podemos construir a nossa.

Abro a conta com 1.000\$ e a casa, se assim o quiserem, chamar-se-á Sagrada Família.

Do Coração».

Para a Casa de N. Senhora das Candeias, 2200\$00+1000\$00+100\$, contribuição de uma Mãe

e seus filhos, por alma do Esposo e Pai.

E outra presença muito estimada e há muito ausente destas fileiras.

Não é a primeira nem a segunda vez que fechamos estas notícias com a sua palavra.

Hoje será mais uma. E, como a sua palavra é oração, e o tempo é penitencial, voltemos a ajoelhar e oremos:

«Depois de tanto tempo sem dar notícias, aí vai mais uma achega para a Casa n.º 2 de N.ª S.ª da Espectação».

É uma despedida, antes de partir para terras de África.

Se Deus me ajudar e os senhores da O. N. U. derem licença, será dali que completarei esta segunda casa. Será também de lá que principiarei uma terceira e todo um bairro, se fôr essa a vontade do Senhor, prolongando os meus dias e dando-me os meios necessários. Naturalmente que o principal meio será a graça da vontade de dar.

Deus elevou tão alto o Amor que nem a própria morte tem poderes sobre ele. Assim, os vivos podem ajudar os mortos e os mortos podem valer aos vivos.

Eis porque digo que a Graça de amar, está no princípio da possibilidade de dar.

Darei notícias e combinarei a forma de me enviarem o «Gaiato».

Até aqui, não queria ser assinante porque gostava de o comprar aos seus juvenis vendedores, mas daqui para o futuro, não poderá ser assim.

Termino, pedindo que se lembrem de mim nas suas orações e que, sobretudo, peçam ao Senhor que nunca me retire a Graça de amar. Toda a lei de Deus se pode resumir numa só palavra: «Amor». Quem amar com perfeição, cumpre todos os mandamentos.

Até África e Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

CAL + VA RIO

Cont. da 1.ª pág.

O que digo da Maria Alice, digo do Ruizito. Tão excitado ele era, que ainda recordo as dificuldades em que ele nos meteu, a primeira vez que o levámos ao Coliseu do Porto e ao Teatro - Circo de Braga, sempre a chorar, um choro que era mais grito do que choro, interrompido, a custo, só com o hiberão. Nos primeiros tempos, era tal o seu desasossego durante a noite, que dormia sozinho para que os outros doentes pudessem descansar.

Agora é tão calmo, tão fe-

ta leva, mas não é por mal, nem é para me vingar daquela que o Sr. P.e Carlos me apresentava nos originais. Vamos a ver se para a próxima já terei mais cuidado.

O seu

José Adolfo da Silva Gomes

FACETAS DE UMA VIDA

À carta ultimamente publicada juntamos hoje duas, que insistem, sublinham, exigem que a sua primeira Missa em Paço de Sousa seja uma festa toda interior, em que «todos olhem para dentro».

Ei-las, datadas de Coimbra, 22 e 31 de Julho de 1929:

«Não dou novidade nenhuma se te disser que a nossa Missa é no dia 5 próximo, de manhã, mas quero avisar-te particularmente, porque a festa é toda, toda, para ti. Ninguém o sabe. Se vires por ahí ânimos exaltados, o nosso abade é extremamente meridional, bota água na fervura, muita

água. É em silêncio que correm as águas fundas que fertilizam as terras. Não quero festa de foguetes; não quero que ninguém olhe para o ar, mas sim que todos, todos, olhem para dentro.

Esta festa, grande, imensa, assim preparada, assim sentida e assim realizada é toda, toda — para ti.

Até breve.

Teu
Américo de Aguiar».

«Segunda, temos Missa às 7 pm. Era minha vontade logo a seguir tomar um carro e ir-me para Paredes.

Cont. na pág. QUATRO

«O Gaiato»

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Festas

Não podemos dizer que já terminaram. Viana do Castelo espera-nos, concerteza. Ainda não foi possível assentar na data definitiva, dado que o nosso «empresário» tem estado ausente.

E mais cidades exigem a nossa presença. Por exemplo, Braga não concorda que este ano deixemos de ir ao Teatro-Circo.

E Covilhã pergunta: «Porque não vêm até à Covilhã?... Olhe que há aqui boas vontades e gente capaz de trabalhar no sentido de produzir algo de proveitoso. Resolvam e mencionem no vosso itinerário o nome desta cidade. Estou certo que não se arrependerão».

Estivemos de novo, no Coliseu, no passado dia 7, à tarde. A sala encheu-se de um público imensamente feliz por aquele encontro. E a nossa Festa tornou-se assunto corrente de conversa familiar entre amigos.

E continua a falar-se do jeito dos nossos «bata-tinhas» a dançar o TWIST — número do programa que encheu toda a gente.

Mas as nossas festas continuam, sobretudo, pelo que deixaram ficar dentro daqueles que a elas assistiram. Agora, a palavra é vossa:

«É ainda sob o clima emocional criado pelos «Gaiatos do Padre Américo» ontem no Teatro Aveirense, que lhe escrevo esta carta.

Queira perdoar-me a minha fraqueza, mas agora que desejo desabafar, aí vai. Qualquer coisa que se relacione com a Obra causa-me um estado emocional tão intenso que não resisti à tentação de por aquele meio, conhecer pessoalmente V. R.^a. Não é, decerto, interesse pessoal, porque esse é secundário, mas é a presença espiritual, é uma força imensa que nos puxa, é ficarmos estupefactos como se a vossa presença e seus «Gaiatos» naquele palco, no final, fôsse Cristo ao vivo no meio dos homens. E essa presença cria-nos uma emoção tão profunda que a única saída da nossa parte é contribuir com qualquer coisa que ajude essa maravilhosa Obra. Nunca senti maior ausência de egoísmo senão na Obra do Padre Américo, que V. R.^a trouxe ontem até nós. A emoção é um misto de ternura, amor pelo próximo, que nos deixa estarecidos e dominados por esses rapazes e esses meninos tão aprumados, descontraídos e ensinados que nós só desejaríamos que nossos filhos assim fossem. E pensarmos nós que eles eram a escória da rua onde vós os fostes buscar e transformar!»

Eis o segredo. Eis a explicação de tudo o que se passou e podemos chamar «êxito» a presença de Cristo ao vivo no meio dos homens. E é que ninguém lhe escapa!

A notícia chegou aos que não puderam sair de casa. E o sofrimento cresceu por não poderem assistir. Leiam:

«Tive um ataque que me tolheu os movimentos, como pela letra devem compreender; mas com a graça de Deus já seguro a caneta e sempre me faço entender, embora com dificuldade para a mão e para quem me lê...

Tenham paciência e leiam até final o meu pe-

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Há dias fui surpreendido por muito estralejar de foguetes. Era a primeira semana da Paixão — não tempo de romarias. Admirei-me...

Soube, depois, que o foguetório festejava o regresso de um soldado vindo de Angola. Soube, mais, que — se na mesma freguesia, se em outra vizinha, não tenho a certeza — além do foguetório houve alti-falante e meia dúzia de discos a girar todo o dia.

Fiquei triste!

Será que a volta de um soldado, enquanto outros estão partindo, legitime foguetes?!

Entende-se que o coração daqueles pais rejubile pelo regresso do filho! Mas não quererá dizer tanto foguetório que, para eles, a guerra em Angola terminou, só porque o filho ali está são e salvo?...

Entristeceu-me a falta de sentido patriótico que interpretei naqueles foguetes. Antes, ainda: a falta de sentido comunitário que eles me pareceram significar. Pois, naquela mesma hora em que uma compreensível alegria inundava os corações de uma família, não se abria em outros corações semelhantes uma dor feita de saudade e incerteza a respeito de jovens que estão partindo? Que entre os primeiros se comemorasse em discreta acção

Africa

de graças, o dom positivo de um regresso feliz — é aceitável. Mas que se esquecesse, em rumor atrevido, fruto de um inconsciente mas feroz individualismo, que a guerra em Angola continua a exigir o sacrifício da nossa juventude, alimentando-se, mesmo, de algumas vítimas — isso é que não se admite.

Fiquei triste, fiquei preocupado. É que se a alegria de um regresso apaga o problema de milhares de rapazes que na mesma hora estão arriscando a vida por todos nós, por todos os valores que constituem a Pátria; e se este sentimento é generalizado — então, como é que Angola será nossa?

X X X

Segui, chocado, a catástrofe que desabou sobre Luanda. Vi fotografias. Reconheci lugares. Este conhecimento e o gosto que eu tenho por Luanda, tornou a minha pena mais sensível do que seria, certamente, se nunca lá tivera ido.

E não sei porquê, logo me lembrei daquelas palavras do

Profeta Jonas, que fazem a leitura epistolar da Segunda-feira da Paixão.

Nínive era uma «cidade grande» que não andava nos caminhos de Deus. O Senhor mandou-lhes o Profeta «a fazer nela a pregação que Eu te ordeno». E Jonas «chegou (...) e clamou e disse: Daqui a quarenta dias será Nínive destruída. E os ninivitas creram em Deus e ordenaram penitência (...) E o rei, levantando-se do trono, tirou as suas vestes e cobriu-se com pano de saco e sentou-se sobre cinza.

(...) Quem sabe se Deus se voltará para nós perdoar, de sorte que não pereçamos?

E Deus viu as obras deles, e como se converteram do seu mau caminho, e compadeceu-se do Seu Povo».

Não sei porquê, lembrei-me destas palavras do Profeta Jonas.

E, sem querer insinuar qualquer relação de causalidade, parece-me bem ser esta desgraça uma oportunidade de se atentar na urgência de todos merecermos mais Graça.

PELAS CASAS DO GAIATO

BEIRE

Amigos leitores da nossa Conferência. Deveis estar admirados por ainda não termos dado notícias da nossa Conferência e de agradecer-vos tudo quanto nos mandaram. Gostei muito do bom êxito de uma assinante do nosso jornal que é de Setúbal que mandou a seguinte carta:

dido, sim? Como eu, quantos doentinhos estão sentados por detrás de uma janela, limitando-se a olhar quem passa, e devoram as notícias dos jornais para ver o que mais lhes interessa, tanto fora como dentro da nossa terra?! ...E quando vê qualquer coisa que lhe toca o coração — como a Obra do saudosíssimo Pai Américo — lê, ou para melhor, devora até à última palavra!...

Os rapazes fizeram a sua festa, agora. No dia 7 de Abril, repetem-na, com novo programa. Enche-se a casa; chovem as dádivas... a alma rejubila por sentir a continuação da Obra que todos nós amamos como nossa, e desejávamos ir ver; mas, inválidos e presos à Cruz que o Senhor nos deu, lamentamos não ver os Batatinhas e as suas graças.

Não seria possível Snrs. Padres — conseguir que a Televisão incluísse no programa do dia 7 parte dessa Festa, que calha muito bem por ser num Domingo, às 6 1/2, e assim qualquer doentinho se consolava de os ver e de os ouvir, e depois mandaria uma ofertazinha para a Obra?

Vejam os Snrs. Padres se conseguem isso, sim?

Muito obrigada por todos os Doentes lhe fica a antiga leitora do «Gaiato»,

L. M. »

Fizemos tudo o que nos foi possível para que também a eles não faltasse a alegria do nosso encontro. Por esse motivo, lá estive a Televisão no Coliseu a colher uns breves apontamentos para consolo dos que não puderam assistir.

Até ao ano se Deus quiser.

P.e Manuel António

nos seus estudos, é quanto os Pobres lhe estimam.

Agradeço as roupas de uma senhora do Estoril. Mais roupas de uns amigos de Braga. Igualmente da Covilhã. Mais 20\$00 de uma senhora da Amadora. Outro tanto de um amigo do Gaiato.

Ainda há, sim ainda há almas que se condoem da sorte dos desgraçados e que talvez de todos os sacrifícios só Deus sabe quantos procuram minorar-lhes os sofrimentos. Quando estiverdes sentado à vossa mesa não vos esqueçais dos que não a têm. Quando vós estiverdes em sítios que Deus nos fale na nossa consciência ouvi e medita porque só a Ele deveis servir e amar servindo o vosso próximo e amando, podeis estar certos que também fazeis a vontade de Deus.

António Henriques

Facetas de uma Vida

Cont. da página 3

Depois venho passar um dia intelectual a A..., durante a semana, mas José disse-me que seria melhor dar-te parte, pois pode ser que tu desejes que eu suba acima tomar qualquer coisa quente. Se fôr da tua vontade eu vou, com sacrifício, mas assistir a uma sit down meal com tudo quanto ela envolve, isso está totalmente fora do meu programa e resisto à vontade de quem fôr.

Eu quero que esse dia seja um dia de silêncio, sobretudo desejo que ninguém te perturbe. Esta festa que há-de ser grande como o pensamento; preciosa como as pérolas; modesta e recolhida como as violetas, — compreendes que seria prejudicada com qualquer materialidade das coisas mesquinhas e efémeras cá de baixo. E a festa é tua... toda tua.

Até muito breve. Padre Américo de Aguiar».